

Uma análise cognitiva do valor contrassequencial do Pretérito Perfeito do Indicativo

Adriana Maria Tenuta*

Lafaiete Moreira*

Marcus Lapesqueur*

Resumo

Este artigo traz análises do valor contrassequencial do Pretérito Perfeito do Indicativo encontrado em textos orais, representantes do português em uso no Brasil. Esse valor verbal foi analisado através de diagramação condizente com o Modelo dos Espaços Mentais da Linguística Cognitiva. Devido ao fato de, no âmbito desse quadro teórico, as expressões linguísticas revelarem aspectos da cognição humana, investigou-se uma motivação de caráter cognitivo para a ocorrência do referido valor verbal. Considerou-se, ainda, que a construção adequada de significados verbais requer a observação do contexto linguístico e/ou extralinguístico dos enunciados.

Palavras-chave: Valores verbais não canônicos; Pretérito Perfeito do Indicativo; Valor contrassequencial; Espaços mentais; Cognição.

Este artigo relata resultados de análises realizadas no âmbito de uma pesquisa referente à ocorrência de valores não canônicos de formas verbais variadas. Trabalhou-se com o Modelo dos Espaços Mentais da Linguística Cognitiva, buscando encontrar uma motivação cognitiva para tais ocorrências.

Nesta pesquisa, entendem-se por valores temporais não canônicos os diversos valores de uma mesma forma verbal, expressos em contextos específicos. Esses valores são distintos daquele valor temporal expresso pelo rótulo atribuído a essa forma verbal na perspectiva tradicional. Valores como esses foram encontrados em narrativas orais e conversações informais, representantes da modalidade oral da língua portuguesa em uso no Brasil, e em redações de vestibular, representantes da modalidade escrita.¹

* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

1 – O *corpus* utilizado na pesquisa inclui, como dados de língua oral: narrativas em Tenuta (2006); conversações, gentilmente cedidas pelo Grupo de Estudos Funcionalistas – GREF, pertencente ao Núcleo de Estudos da Língua em Uso – NELU – FALE/UFMG; conversações em Matta (2005). Além disso, inclui, como dados de língua escrita, redações de vestibular da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, de 2006, também gentilmente cedidas pela comissão de vestibular para este estudo.

São os seguintes os valores não canônicos encontrados no *corpus* da pesquisa: Presente do Indicativo² com valor genérico ou habitual; Presente do Indicativo com valor de passado (semelhante ao valor de Pretérito Perfeito), denominado, por vezes, Presente Histórico; Presente do Indicativo com valor de futuro (semelhante ao valor de Futuro do Presente); Presente do Indicativo com valor de Imperativo; Pretérito Imperfeito do Indicativo com valor de Futuro do Pretérito; e Pretérito Perfeito do Indicativo com valor contrassequencial (semelhante ao valor de Pretérito Mais-que-perfeito).³ Neste artigo é analisado e diagramado esse último valor listado.

No Modelo dos Espaços Mentais, filiado à Linguística Cognitiva, encontrou-se uma definição de tempo verbal distinta da definição tradicional, que permitiu a investigação da ocorrência das alterações semânticas dos valores verbais.

O foco da pesquisa foi, então, a categoria gramatical de tempo verbal. Essa categoria vem, tradicionalmente, sendo compreendida como uma categoria dêitica, que expressa a relação entre o momento do ato da fala e o momento da realização do evento. O tempo verbal presente é visto como aquele que envolve uma coincidência entre os dois momentos referidos; para o tempo verbal futuro, a realização do evento é posterior ao momento da fala e essa relação se inverte para o tempo verbal passado. Essa concepção é encontrada em vários autores, tais como Cunha (1971), Nicola e Infante (1997) e Rocha Lima (2003).⁴

No âmbito do Modelo dos Espaços Mentais, tempo verbal refere-se principalmente à relação entre as noções de PONTO DE VISTA e FOCO (TURNER, 1996; CUTRER, 1994). Essas noções, ligadas ao estudo da linguagem, devem ser compreendidas considerando-se a existência de uma relação entre a linguagem propriamente e os demais aspectos da cognição humana. Neste caso específico, PONTO DE VISTA e FOCO refletem aspectos da cognição referentes à percepção visual. Essa interrelação linguagem/cognição é postulada pelo quadro teórico da Linguística Cognitiva. Langacker (2001), por exemplo, importante autor desse quadro teórico, assinala o papel central da experiência de visualização na estruturação semântica e gramatical. Para esse autor, o processo de conceptualização envolvido na utilização da linguagem

Nos dados de língua oral, foram respeitadas as notações utilizadas por cada autor em suas transcrições. Detalhes dessas notações não interessam a este trabalho, uma vez que não estão em foco aspectos de entonação, pausas, hesitações etc.

2 – Os rótulos dos tempos verbais estão expressos neste trabalho com as iniciais maiúsculas.

3 – A análise referente aos valores Presente do Indicativo com valor genérico ou habitual, Presente do Indicativo com valor passado, Presente do Indicativo com valor futuro e Presente do Indicativo com valor de Imperativo consta em Tenuta, Moreira e Lapesqueur: Valores expressos pelo tempo verbal presente do indicativo: uma análise de caráter cognitivo. In FONSECA, M. E.; MARINHO, J. H. C. (Orgs.) **Estudos da língua em uso**: da gramática ao texto. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2010.

4 – Como exemplo dessa definição, temos a citação: “O tempo informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, numa época anterior, ou numa ocasião que ainda esteja por vir”. (ROCHA LIMA, 2003, p. 123).

espelha processos da percepção visual.

É nesse contexto que o fenômeno relativo à alteração do valor semântico prototípico de uma forma verbal foi analisado. Foram realizadas diagramações com base no Modelo dos Espaços Mentais de trechos selecionados do *corpus*. Segundo alguns dos proponentes desse modelo, as diagramações permitem-nos visualizar, em parte, processos cognitivos subjacentes às manifestações discursivas (FAUCONNIER, 1994, 1997; CUTRER, 1994). A teoria dos Espaços Mentais, como uma teoria semântica descritiva, constitui, assim, uma ferramenta poderosa para a compreensão de como se constrói o significado de expressões linguísticas a partir de processos cognitivos subjacentes à linguagem.

Os espaços mentais, que são o principal elemento constitutivo do modelo teórico, são utilizados para representar a distribuição da informação linguística, ajudando na compreensão do significado do discurso em toda a sua dinâmica. Tais espaços são estruturados por conhecimentos mais estáveis na memória de longo prazo, por molduras.⁵ Essas molduras referem-se às expressões linguísticas que cada espaço representa. Portanto, os espaços têm caráter de construção local, momentânea, ou seja, não são representações mentais fixas.

Fauconnier (2007) propõe a hipótese de que

no nível neuronal, os espaços mentais sejam conjuntos de agrupamentos neuronais ativados e que as conexões entre elementos correspondem a ligações em coativação. Nessa visão, os espaços mentais operam na memória de trabalho, mas são construídos parcialmente por estruturas ativadoras disponíveis a partir da memória de longo termo. (FAUCONNIER, 2007, p. 351 – tradução nossa).

Para Cutrer (1994), no processamento discursivo, cada sentença envolve uma configuração de espaços, hierarquicamente relacionados, que é constantemente atualizada na medida em que o discurso se desenvolve. Essa configuração pode sempre ser diagramada com base no Modelo dos Espaços Mentais.

Nas diagramações que realizamos para este estudo, os círculos representam os espaços propriamente. Cada espaço, com exceção do espaço BASE, é nomeado por meio de letra(s) acompanhada(s) ou não de um número. Essas letras representam a categoria tempo-aspectual que o espaço ilustra (P – PASSADO; F – FUTURO; Pf – PERFEITO e Pg – PROGRESSIVO). Os números indicam a quantidade de espaços daquele tipo. Por exemplo, P1 nomeia o primeiro espaço PASSADO de uma sequência de espaços semelhantes.

As molduras que estruturam os espaços são representadas por retângulos acima ou ao lado dos círculos. Nos círculos, aparecem letras, que representam os elementos

5 – No inglês, *frames*. Para uma discussão mais detalhada sobre o assunto, ver Cienki, 2007.

que preenchem os papéis da moldura, elementos esses que especificamente compõem os enunciados. As linhas que ligam os espaços indicam as relações entre eles, relações essas que são determinadas pela informação gramatical contida nos enunciados. No todo, o diagrama composto por esses elementos representa o processo dinâmico vivenciado pelos usuários da língua, ao produzir ou interpretar discurso.

Ainda com relação às diagramações, os espaços são marcados pelas categorias discursivas de FOCO, EVENTO, PONTO DE VISTA e BASE. Essas categorias podem se mover pelos espaços, dependendo das alterações propostas no discurso. Para indicar o movimento de uma categoria, são utilizados parênteses circundando o rótulo dessa categoria no local que originalmente ocupava. Os espaços das diagramações são marcados, dependendo do conteúdo gramatical dos enunciados que representam, pelas categorias tempo-aspectuais PRESENTE, FUTURO, PASSADO, PERFEITO, PERFECTIVO, IMPERFECTIVO e PROGRESSIVO.

Para Cutrer (1994), FOCO é o espaço que é o foco de atenção para a construção de significado; EVENTO representa o espaço onde o evento indicado pelo verbo é construído; BASE é o espaço inicial, sempre PRESENTE, a partir do qual se organizam os outros espaços; e PONTO DE VISTA é o espaço a partir do qual outros espaços são acessados ou estruturados e que serve de referência para as categorias tempo-aspectuais. A autora propõe que PRESENTE, FUTURO e PASSADO sejam categorias temporais e que PERFEITO, PERFECTIVO, IMPERFECTIVO e PROGRESSIVO sejam categorias aspectuais. Tanto as categorias temporais quanto as aspectuais devem ser compreendidas como categorias do nível cognitivo. As categorias aspectuais fornecem informações sobre a relação entre PONTO DE VISTA e FOCO, enquanto as temporais marcam as relações temporais entre os espaços. Os tempos verbais das línguas expressam os valores dessas categorias, não havendo, no entanto, correspondências biunívocas entre as categorias e os tempos verbais das línguas. Cada tempo verbal de uma língua tem que ser analisado para se dizer quais categorias tempo-aspectuais estão envolvidas na expressão de seus valores. A utilização linguística permite combinações variadas entre todas essas categorias. Encontramos, por exemplo, as combinações FUTURO e PASSADO, FUTURO e PRESENTE, PASSADO e IMPERFECTIVO etc.

A partir deste ponto, passamos a apresentar diagramações realizadas para valores do Pretérito Perfeito do Indicativo, visando a apresentar explicações de ordem cognitiva para as manifestações não canônicas dessa forma verbal encontradas no *corpus* estudado. É importante salientar que os valores semânticos analisados no âmbito da pesquisa, assim como o valor contrassequencial do Pretérito Perfeito do Indicativo enfocado neste artigo, realizam-se contextualmente. Acredita-se, portanto, que a construção adequada de um significado verbal requer a consideração do contexto linguístico e/ou extralinguístico do enunciado referente a esse significado.⁶

6 – À medida que se fizer necessário, serão fornecidas informações contextuais relevantes para a compreensão dos trechos discursivos diagramados.

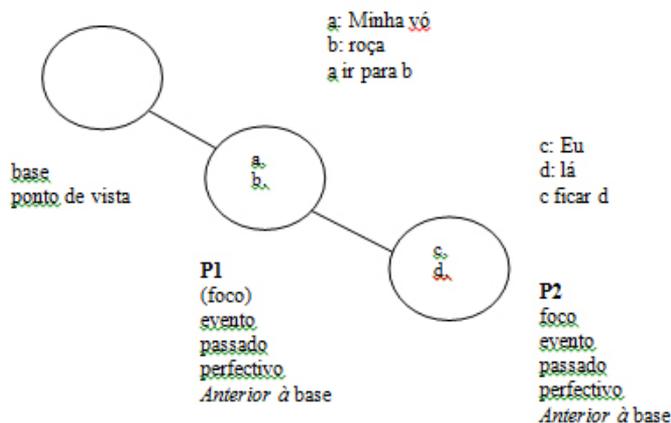
Pretérito Perfeito do Indicativo com valor não canônico contrassequencial

O Pretérito Perfeito é o tempo verbal que, geralmente, traz a linha central da história (TENUTA, 2006). No contexto narrativo discursivo, o Pretérito Perfeito do Indicativo, canonicamente, expressa sequencialidade, ou seja, eventos nesse tempo verbal, ordenados no discurso, refletem uma suposta sequência temporal. No entanto, encontra-se, também, porém mais raramente, esse mesmo tempo verbal expressando, em alguns contextos narrativos, um valor contrassequencial. Por valor contrassequencial entendemos aquela situação em que um evento ocorrido anteriormente na linha do tempo é mencionado posteriormente no encadeamento do discurso.

Iniciamos por diagramar um trecho narrativo em que o Pretérito Perfeito tem seu valor canônico, para, então, contrastar essa diagramação com aquela de uma situação envolvendo contrassequencialidade.

Diagramação discursiva do Pretérito Perfeito do Indicativo com valor canônico

(1) Ai minha vó foi pra roça
e eu fiquei lá.⁷



Nessa diagramação, o espaço BASE representa a situação de narração, onde se encontram narrador e ouvinte. Esse é o espaço dêitico de referência ao qual os demais espaços estão ancorados. Os espaços P1 e P2 representam dois eventos que ajudam a compor a narrativa na qual estão inseridos. Esses eventos são expressos

⁷ – Narrativa 6 (linhas 25 e 26), em Tenuta (2006).

por formas do Pretérito Perfeito e, portanto, combinam as categorias PASSADO e PERFECTIVO.⁸ Nesse exemplo, o PONTO DE VISTA permanece na BASE. Isso significa que a BASE é o espaço a partir do qual o tempo verbal dos dois eventos é interpretado (os eventos da história narrada são vistos como passados, em relação ao presente da situação de narração). FOCO ocupa primeiro o espaço P1 e, depois, o espaço P2, revelando a sucessão dos eventos que são foco da atenção nesse trecho do discurso. Esses espaços estão diagramados um após o outro para mostrar, mais precisamente, essa sequência de ocorrência discursiva.⁹

Diagramação discursiva do Pretérito Perfeito do Indicativo com valor não canônico contrassequencial

Em nossos dados, encontramos o valor contrassequencial expresso por formas do Pretérito Perfeito do Indicativo em alguns contextos narrativos. O tipo textual narrativo privilegia a emergência desse valor, uma vez que envolve sequência de eventos.

Campos, Rodrigues e Galembeck (2002) analisam as formas do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo no português falado; no entanto, não registram o valor contrassequencial do Pretérito Perfeito, uma vez que tratam os dados no nível frasal. Os autores, porém, reconhecem a importância da “significação das formas verbais flexionadas em termos de características pragmático-discursivas ou do significado construído nas relações textuais ou discursivas”. (p. 39). Os autores afirmam também que “há fatos de usos das formas de pretérito perfeito e imperfeito que só são perceptíveis e/ou explicáveis numa perspectiva textual-discursiva”. (RODRIGUES *et al.*, 2002, p. 425). Nesse trabalho, apesar de os autores realizarem análises levando em conta o plano textual, o valor contrassequencial do Pretérito Perfeito também não é discutido.

Seguem alguns exemplos do Pretérito Perfeito com valor contrassequencial encontrados no corpus analisado para esta pesquisa, sendo um deles diagramado:

- (2) L1 – NO::ssa essa foto ficou linda... olha aqui (...)
L2 – é... ficou escura assim... o rosto entendeu? não deu para ver direito...
L3 – nó... ficou maraviLHO::sa...
L2 – será que ficou assim M. porque não colocou flash? acho que foi né?
L3 – foi à tardinha...
L1 – é porque o flash não pega dessa distância não...¹⁰

8 – Trataremos da questão aspectual, neste texto, na análise do Pretérito Imperfeito do Indicativo. As categorias aspectuais não são relevantes para a discussão da contrassequencialidade.

9 – Uma alternativa de diagramação seria que P1 e P2 ocupassem um único espaço P, uma vez que ambos estão ancorados na mesma BASE/PONTO DE VISTA.

10 – Retirado de Matta (2005).

A forma verbal do Pretérito Perfeito ligada a “não colocar o flash” (na máquina) foi considerada contrassequencial por representar um evento que, na experiência, ocorre anteriormente a “tirar as fotos” (evento subentendido) e “ver as fotos” (evento apresentado através de uma estrutura modal no Pretérito Perfeito). No entanto, “não colocar o flash” aparece, na sequência do discurso, posteriormente a esses dois eventos.

(3) eu fui pra Belém do Pará... São Luiz do Maranhão... tipo assim... eu foi uma experiência... eno::rme pra mim porque eu nunca tinha viajado a serviço... eu fui pra lá implantar o suporte que eu implantei aqui... porque quando eu entrei na na empresa aqui ela tinha um mês... hoje tem três anos né?... que eu já tô lá...¹¹

Nesse exemplo, há vários eventos mencionados e a ordem da suposta ocorrência deles é a seguinte: A – “Entrar na empresa aqui”; B – “Implantar o suporte aqui”; C – “Ir para Belém/São Luiz” e D – “Ser uma experiência maravilhosa”. Tais eventos, no entanto, não aparecem no discurso nessa mesma sequência em que teriam ocorrido. O ordenamento no discurso é o que segue: C, D, C, B, A. Na expressão desses eventos, A e B estão no Pretérito Perfeito e apresentam um valor contrassequencial. Percebe-se que, nesse trecho analisado, as estruturas (temporal e relativa) nas quais os eventos contrassequenciais ocorrem integram contextos de explicação dos eventos da linha da história. Essa parece ser uma função discursiva desse valor contrassequencial, bem como a função de integrar contextos de avaliação dos eventos apresentados.

Apresentamos, a seguir, em (4), o mesmo trecho de discurso utilizado na exemplificação do Pretérito Perfeito canônico, em (1), acrescido dos elementos que o seguem na narrativa da qual faz parte. Os novos elementos em (4) são, então, analisados por conterem um elemento verbal com valor contrassequencial:

(4) Aí minha vó foi pra roça
e eu fiquei lá
Eu estava esperando.
Porque Ada casô
e morava pr’aquele lugar
e o marido dela tinha um caminhão
que fazia navegação.¹²

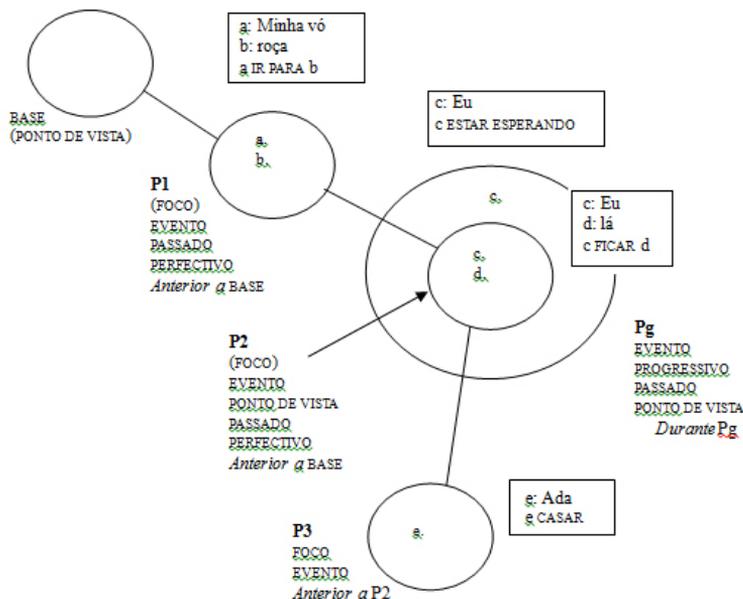
Nesse trecho, a frase “porque Ada casô” é contrassequencial por trazer um evento ocorrido anteriormente a todo o eixo temporal estabelecido pela narrativa na qual o trecho se encontra, narrativa essa que tem como tema a mudança do

11 – Transcrição de conversação (GREF/NELU).

12 – Narrativa 6 (linhas 25 a 31), em Tenuta (2006).

narrador de uma cidade para outra. Na sequência discursiva, o evento “ir para a roça” (realizado por “minha vó”) é seguido pelos eventos “ficar lá” e “ficar esperando”. O evento contrassequencial “Ada casar” integra a explicação da espera do personagem pelo transporte.

Segue a diagramação correspondente a esse trecho:



Neste diagrama, além dos espaços BASE, P1 e P2, já descritos para exemplificar o Pretérito Perfeito canônico, encontramos o espaço P3, propriamente contrassequencial (discutido a seguir) e o espaço Pg, PROGRESSIVO, que representa um período de tempo que inclui o PONTO DE VISTA, ou seja, é uma situação progressiva, vista como em curso, no passado. Esse espaço é diagramado, conforme proposto por Tenuta (2006), para situações de fundo narrativo. No exemplo analisado, ocorre uma situação em que o espaço Pg é fundo relativamente ao espaço P2. Isso significa que, na narrativa em que esses eventos ocorrem, “estar esperando” é uma situação de explicação ou contextualização para o evento “ficar lá”.

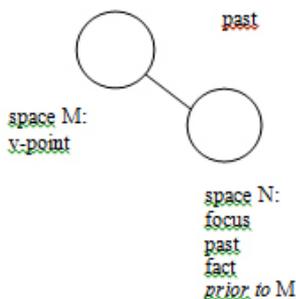
Esse diagrama visa a oferecer a possibilidade de visualização mais precisa do que ocorre cognitivamente nos processos de estruturação e interpretação da macro-estrutura do texto narrativo. Especialmente, reflete a complexidade da distribuição da informação em material de Figura ou de Fundo, em suas relações, que podem ser gerais ou mais localizadas. (TENUTA, 2006, p. 120).

O espaço P3 representa um evento supostamente ocorrido antes daquele representado através do espaço PASSADO P2 e é conceptualizado a partir do PONTO DE VISTA em P2, o que gera um efeito de passado do passado, especificamente o valor contrassequencial que estamos apresentando através dessa diagramação. A distinção entre o valor canônico e o não canônico, então, ocorre por uma diferença de ancoragem da interpretação, ou seja, dependendo de onde se encontra o PONTO DE VISTA a partir do qual se visualiza a situação, obtém-se um efeito de sentido distinto. Em termos do modelo teórico adotado, quando o espaço PASSADO é conceptualizado a partir do PONTO DE VISTA da BASE, tem-se Pretérito Perfeito com valor canônico, como em P1 e P2. Assim, explica-se o valor contrassequencial pela ocorrência da mudança de PONTO DE VISTA da BASE para um espaço PASSADO.

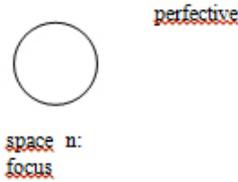
Note que a relação entre as categorias discursivas é a mesma para o Pretérito Perfeito canônico e o não canônico, respeitando as definições de PASSADO e PERFECTIVO. Ressalta-se que PASSADO e PERFECTIVO são compreendidos como categorias cognitivas representadas por uma determinada configuração de espaços mentais. Cutrer (1994) apresenta a seguinte diagramação para representar essas categorias:

PAST identifies or cues construction of some PAST space N. It indicates that:

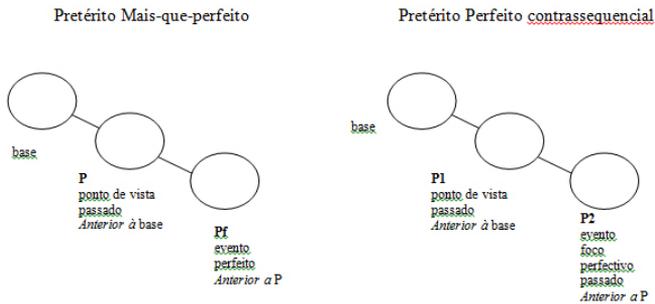
- i) N is in FOCUS*
 - ii) N's parent is V-POINT*
 - iii) N's time is prior to V-POINT (parent)*
 - iv) events or properties represented in N are FACT from V-POINT (parent).*
- (CUTRER, 1994, p. 88)



The PERFECTIVE identifies a FOCUS space N and indicates that:
 i) N is not V-POINT (CUTRER, 1994, p. 93).



A expressão da contrassequencialidade ocorre mais prototipicamente por meio do Pretérito Mais-que-perfeito. Nesse caso, haveria uma configuração de espaços que seria diferente da configuração para a expressão desse mesmo valor por meio do Pretérito Perfeito. As diagramações ficam distintas nos dois casos porque o Pretérito Mais-que-perfeito é resultado da combinação das categorias de tempo PASSADO e de aspecto PERFEITO, diferentemente do Pretérito Perfeito, que é resultado da combinação das categorias de tempo PASSADO e de aspecto PERFECTIVO. De acordo com o modelo dos Espaços Mentais, as definições de PERFEITO e PERFECTIVO distinguem-se também quanto à relação entre EVENTO e FOCO. (CUTRER, 1994). No caso do Pretérito Mais-que-perfeito, o diagrama apresentaria um espaço PERFEITO, que é EVENTO, não FOCO. A diagramação para o Pretérito Perfeito contrassequencial, por sua vez, apresenta um espaço PERFECTIVO, que é marcado como FOCO. Seguem as referidas diagramações:



Assim, o fato de o falante utilizar-se do Pretérito Perfeito para expressar a contrassequencialidade significa que ele realizou uma mudança de PONTO DE VISTA da BASE para P1, mantendo o FOCO no espaço P2, EVENTO PERFECTIVO. Dessa forma, PONTO DE VISTA está separado do espaço FOCO, o que é condizente com a definição da categoria aspectual PERFECTIVO. Essa configuração de espaços possibilita, a partir do espaço EVENTO, dependendo da

intenção do falante, a construção de uma sequência narrativa distinta da narrativa central ou de uma elaboração discursiva com caráter explicativo ou esclarecedor. A ocorrência de um evento contrassequencial, então, abre a possibilidade de o narrador deixar a narrativa original em suspenso e elaborar esse evento contrassequencial com um trecho descritivo ou narrativo, retomando, posteriormente, a sequência narrativa original.

Os elementos discursivos que seguem a parte diagramada do exemplo em questão têm esse caráter explicativo/descritivo (“e morava pr’aquele lugar e o marido dela tinha um caminhão que fazia navegação”). A narrativa central, interrompida por essa outra sequência, foi retomada posteriormente, como geralmente ocorre.¹³

Conclusão

Neste trabalho, foram relatados resultados de análises do valor contrassequencial do Pretérito Perfeito do Indicativo encontrado em um corpus da língua portuguesa do Brasil. Essas análises compõem uma pesquisa mais ampla que investiga vários outros valores verbais não canônicos.

Apresentamos diagramações de trechos discursivos condizentes com o Modelo dos Espaços Mentais em Fauconnier (1994, 1997) e Cutrer (1994). Tais diagramações visaram a revelar motivações de ordem cognitiva para as alterações semânticas do valor verbal investigado. No âmbito do quadro teórico mais amplo da Linguística Cognitiva, no qual o Modelo dos Espaços Mentais se insere, as expressões linguísticas revelam aspectos da cognição humana, ou seja, a linguagem é vista como parte integrante dessa cognição e, para a sua utilização, lança-se mão de recursos e processos cognitivos gerais. Langacker (2001), por exemplo, equaciona conceptualização e visualização e constrói sua Gramática Cognitiva com noções que vêm desse ramo da percepção (LANGACKER, 1987, 1991). Semelhantemente, outros modelos da Linguística Cognitiva são construídos tendo por base noções dessa natureza. No Modelo dos Espaços Mentais, adotado nesta pesquisa, encontram-se as categorias discursivas de BASE, PONTO DE VISTA e FOCO, que são utilizadas para representar a conceptualização linguística e revelam como essa conceptualização se assemelha ao processo de visualização.

Nas diagramações baseadas no modelo, essas categorias são distribuídas nos Espaços Mentais de acordo com a informação gramatical dos eventos discursivos. Essas diagramações permitem representar parte do processamento cognitivo envolvido na utilização da linguagem.

13 – Ver narrativa completa em Tenuta (2006).

A interpretação da forma do Pretérito Perfeito do Indicativo como passado em relação a um outro momento passado, gerando o valor contrassequencial, pode ser explicada pela ocorrência da mudança do PONTO DE VISTA original da BASE (situação de interação discursiva/realidade do falante) para um outro espaço PASSADO, de onde a forma de Pretérito Perfeito passa a ser acessada e interpretada. O fato de o PONTO DE VISTA estar em um espaço PASSADO significa que o valor tempo-aspectual da situação em FOCO é interpretado a partir desse espaço. Nesse contexto, uma situação expressa através do Pretérito Perfeito passa a ser interpretada como passada em relação a um outro passado, portanto, contrassequencial.

É importante ressaltar que o tipo de investigação realizada através desta pesquisa necessita da consideração do contexto de ocorrência das formas verbais, ou seja, os valores não canônicos investigados realizam-se na dependência de contextos, em dados autênticos da língua.

Um trabalho como este amplia a compreensão da utilização corriqueira, pelos falantes, de formas de tempos verbais com valores não canônicos, revelando não haver incongruência, no nível da conceptualização, para as situações envolvendo esse fenômeno. Em uma configuração de espaços mentais, visualiza-se a motivação de caráter cognitivo para essas formas verbais. Além disso, o trabalho contribui no sentido de explicar a razão pela qual a visão tradicional sobre como se define tempo verbal não consegue abranger os usos variados que fazemos das formas verbais.

Como outra contribuição deste trabalho, afirma-se que o tipo de investigação realizada reforça um postulado central da Linguística Cognitiva, em geral, da Semântica Cognitiva, mais especificamente, e do Modelo dos Espaços Mentais, em particular, com relação ao fato de a utilização da linguagem estar vinculada a outros aspectos do aparato cognitivo humano geral.

A partir dos resultados obtidos, abre-se caminho para maiores investigações de formas verbais com valores não canônicos e da motivação cognitiva para a utilização delas, por exemplo, descobrindo-se outros valores verbais não canônicos ou relacionando-se valores descobertos a gêneros textuais específicos, através de um levantamento sistematizado das ocorrências.

Abstract

This paper presents the analysis of the counter-sequential value of the Pretérito Perfeito do Indicativo, found in oral texts representing the Portuguese language in use in Brazil. This verbal value was analyzed through diagrams based on the Mental Spaces Model of Cognitive Linguistics. Due to the fact that, under this theoretical framework, linguistic expressions reveal aspects of human cognition, it was possible to investigate the cognitive motivation for the occurrence of the referred verbal value. It was taken into account the fact that the adequate construction of verbal meanings requires the observation of the linguistic and extra-linguistic contexts of the utterances.

Key words: Non-canonical verbal values; Pretérito Perfeito do Indicativo; Counter-sequential value; Mental spaces; Cognition.

Referências

- CAMPOS, O. G. L. A. S.; RODRIGUES, A. C. S.; GALEMBECK, P. T. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: CASTRO, A. T.; BASÍLIO, M. (Org.) **Gramática do português falado**. Volume IV: Estudos descritivos. 2. ed. revista. Campinas: Editora Unicamp, 2002. p. 31-72.
- CIENKI, A. Frames. Idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- COSCARELLI, C. V. Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier. **Revista brasileira de linguística aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 291-303, 2006.
- CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Alves, 1971.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CUTRER, M. **Time and tense in narrative and in everyday language**. Tese (Doutorado em Ciência Cognitiva e Linguística). San Diego: UCSD, 1994.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. Mental spaces. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Vol. I: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Vol. II: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W. Viewing and experiential reporting in cognitive grammar. In: DASILVA, A. S. **Linguagem e cognição: a perspectiva da linguística cognitiva**. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga, 2001. p. 19-49.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MATTA, B. A. **Ressonâncias léxico-estruturais no discurso conversacional em Português**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 2005.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

NICOLA, J.; INFANTE, U. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RODRIGUES, A. C. S.; CAMPOS, O. G. L. A. S.; GALEMBECK, P. T.; TRAVAGLIA, L. C. Formas do pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual-discursivo. In: KOCH, I. G.V. (Org.) **Gramática do português falado**. Volume VI: Desenvolvimentos. 2. ed. revista. Campinas: Editora Unicamp, 2002. p. 417-460.

TENUTA, A. M. **Estrutura narrativa e espaços mentais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

TENUTA, A. M.; MOREIRA, L.; LEPESQUEUR, M. Valores expressos pelo tempo verbal presente do indicativo: uma análise de caráter cognitivo. In: FONSECA, M. E.; MARINHO, J. H. C. (Org.) **Estudos da língua em uso: da gramática ao texto**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

TURNER, M. **The literary mind**. Oxford: Oxford University Press, 1996.